

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

A Casinha da Esquina

Giselda Medeiros

Jamais entendi o que ocorreu realmente naquela manhã de sol. Lembro-me bem de que, momentos antes, sobre uma esteira de palha estendida no enorme quintal da casa de Lúcia, eu brincava com bonecas dos mais variados tipos. A meu lado, sentada muito compe-netradamente, trazendo um ar de mistério, Lúcia examinava uma a uma as bonecas que iam sendo largadas por mim.

Lúcia sempre fora uma menina diferente das outras do bairro: precoce e criativa. Trazia nos olhos uma lucidez tamanha que intrigava a todos que a vissem. Difícil conhecê-la e não se contaminar com a aura de luz que a cobria. Curiosa e brincalhona, no entanto, estava sempre a perguntar. E perguntava, por uma questão de hábito ou talvez para jogar contra as outras crianças um certo ar de sabedoria de que era possuidora, pois ela mesma, com aquela vozinha débil, saía-se muito bem nas respostas às suas próprias perguntas.

No grupo, havia a Sarinha que implicava (e como implicava) com Lúcia. Só não brigavam porque esta, inteligente como era, não aceitava as provocações daquela e saía-se diplomaticamente. Era viva a danadinha! Teria arte com o diabo?! Ou seria um anjo passando férias na terra? O certo é que se sobressaía em tudo: no jogo de pedras sempre vencia; no pega-pega, ninguém a fisgava; na corda dava passeios extraordinários, e “pimentão” era com ela mesmo.

Dona de tantas virtudes, em que pese à sua condição social, era natural que despertasse inveja nas outras crianças que, em reuniões secretas, conjuravam contra ela. Tramaram, tramaram e, sem encontrarem uma maneira de alijá-la do grupo, decidiram, então, que nenhuma delas tomaria parte nas brincadeiras em que Lúcia estivesse. Vamos “dar um gelo” nela.

Lembro-me muito bem do desapontamento de Lúcia, ao ver as crianças se afastarem à chegada dela. E foi por esse motivo que rompi com o grupo. Fiquei ao lado de Lúcia. Não sei se por piedade ou se porque estaria predestinada a testemunhar o que iria acontecer.

O bairro em que morávamos era de famílias de classe média alta. Havia muitos casarões com piscinas, jardins bem cuidados, entre o casario médio. Casebres não havia, a não ser, lá no final da rua São Vicente, uma casinha modesta, destoando da aparência da rua, a que nos referíamos sempre como “a casinha da esquina”. Sua moradora havia perdido o marido. Acidente de trabalho. Com a ninharia de uma indenização (triste consolo da perda!), ela levantara a frente da casa, melhorando-lhe o aspecto. Ali morava com a filha, de cinco anos, a menina Lúcia.

Dona Francisca era uma criatura amarga. A morte do marido, deixando-a sem sustento, agravou-lhe, mais e mais, a angústia. Tinha a filha para criar e era mulher. Mulher e analfabeta. Mulher, analfabeta e pobre. Eis sua herança. O Raimundo era um dos melhores pedreiros. Um dia, despencou do andaime. Era trabalhador humilde, não precisava de muitos cuidados. Ele que se arriscasse. Voou e, sem asas, arremessou-se ao chão. Fraturas na base do crânio. Resistiu ainda durante três meses.

A obra pertencia a um amigo de meu pai, o empresário Waldir Starming. Meu pai trabalhava na empresa como advogado e fora ele que tratara do processo de indenização. Foi por esse intermédio, pois, que conheci Lúcia, com quem simpatizei logo à primeira vista. Aproximei-me da garota, dei-lhe algumas roupas, brinquedos e começamos a brincar juntas com as outras crianças do meu grupo. A princípio, rejeitada como a “pobretona”, foi, aos poucos, entretanto, com a argúcia de que se cercava, impondo-se como líder, o que despertaria, mais tarde, a inveja das outras meninas.

Sua triste história não lhe empanava o brilho dos olhos misteriosos e negros. Não havia em seu semblante o menor resquício de ressentimento, de dor ou revolta. Incrível a serenidade nos gestos. Uma criança diferente.

As brincadeiras ocorriam ora em minha casa, ora no quintal da "casa da esquina". Era ali, onde podíamos correr livres, deixar o vento fustigar-nos os cabelos, imaginando um mundo selvagem, povoado de leões, de tigres, de elefantes e de outros animais, os quais caçávamos com nossas armas de brincadeira. Outras vezes, improvisávamos um palco e encenávamos as histórias do Chapeuzinho Vermelho, da Cinderela, da Branca de Neve, da Bela Adormecida e outras (a esse tempo, já passado um ano, formávamos uma turma de cinco crianças: Lúcia, Sarinha, Manuela, Patricinha e eu).

A aversão de Sarinha por Lúcia viera desde o início, verdadeira incompatibilidade de gênio e agravou-se quando, na distribuição dos papéis da peça, Lúcia sentenciara:

- A bruxa vai ser a Sarinha.

- Não. Não quero! Eu quero ser é a princesa! - retorquia autoritariamente a menina, empinando o nariz e corando as faces sardentas.

- Não pode! Princesa não é má. Vai ser a bruxa, sim, e pronto! - dizia Lúcia, pondo um ponto final na conversa.

Por conta desse e de outros incidentes, e da decisão do grupo de se afastarem de Lúcia, ficamos apenas nós duas, e nunca me lembro de termos tido alguma rusga. Dávamo-nos tão bem que ela me fazia sua confidente.

- Sabe, Norma, um dia, papai vem me buscar. Mamãe briga comigo quando falo essas coisas e me bate, é por isso, que eu queria que ele viesse logo...

Lembro que entrecortou a voz num soluço, única vez que a vi assim. Entretanto, num segundo refez-se e continuou:

- Ele vem me buscar, sim!

- Mas, como se ele morreu, não foi?

- Não, ele me diz sempre que foi fazer uma viagem.

- E você fala com ele?

- Falo, sim, quando eu estou triste, escuto a voz dele. E ele me diz que logo, logo, vem me buscar.

Pois bem, naquela manhã de sol, enquanto brincávamos sobre a esteira, ouvimos um rangido no velho portão de ferro nos fundos do quintal. Abriu-se de par em par. Eu nada vi, apenas senti um frio enorme que me deixou os cabelos eriçados e os dentes a bater uns contra os outros, enquanto, erguendo-se, Lúcia, transfigurada, semblante doce (que só os anjos podem mostrar), olhos fixos em alguém, que eu sentia aproximar-se, bocejou, cheia de felicidade:

- Paizinho, você veio mesmo?! Que bom!

E foi logo se levantando da esteira, corada de felicidade, e, sem me ouvir, sequer voltar-se, continuou andando, pulando, correndo, a mãozinha levantada e levemente fechada, como a estar segurando uma outra mais forte, afastando-se aos risos, erguendo e baixando a cabecinha. Os lindos cachos negros balouçavam ao ritmo do vento, numa dança inusitada. E lá se foi ela afastando-se, afastando-se.

Perplexa, ouvi ainda o ranger do velho portão de ferro fechando-se para eles e para mim.